

Trabalho necessário

A taxa de desemprego caiu de 13,7%, no trimestre encerrado em julho, para 12,1% nos três meses finalizados em outubro. É o percentual mais baixo desde o trimestre encerrado em fevereiro de 2020. Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) revelaram a geração de 324.112 empregos com carteira assinada em novembro. Os dois dados mostram que o mercado de trabalho brasileiro está se recuperando, ainda que de forma lenta e sem a solidez necessária para assegurar trabalho para parte significativa dos 12,9 milhões de trabalhadores que estão sem trabalho, conforme dados da Pnad Contínua divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ávida por notícias positivas, a equipe econômica do governo Jair Bolsonaro (PL) pode até comemorar, afinal, há 3,3 milhões de brasileiros que conseguiram trabalho entre julho e outubro. Na comparação com outubro do ano passado, 8,7 milhões de pessoas que estavam desocupadas estão agora trabalhando. Se antes as vagas formais explicavam a queda do desemprego, agora são as ocupações informais que ajudam a sustentar a redução. Dos postos de trabalho criados entre julho e outubro, 40% foram de vagas com carteira assinada.

Embora representem recuperação, os números da Pnad contínua mostram a precariedade do mercado de trabalho brasileiro. Além dos 12,9 milhões de desocupados, o país tem 38,2 milhões de cidadãos trabalhando na informalidade (sem carteira assinada e garantias legais). Esse contingente representa 40,7% da força de trabalho ocupada. Esse quadro mina a reação do emprego, porque são ocupações com menor rendimento e na imensa maioria das vezes, sem exigência de qualificação, o que derruba a produtividade do Brasil, que se mantém estagnada há 30 anos.

Além disso, mesmo com a reação, o desemprego no Brasil é um dos mais altos do mundo. Em ranking de 44 países

em estudo feito pela agência de risco Austin Rating. Com taxa de 13,1% em agosto, o Brasil registrava a quarta maior taxa de desocupação, perdendo apenas para Costa Rica (15,3%), Espanha (14,6%) e Grécia (13,8%). Esse quadro não se alterou significativamente agora, e o Brasil se mantém com uma das maiores taxas de desemprego.

Outro quadro que envergonha qualquer tentativa de exaltação dos dados do IBGE é o fato de a renda média do trabalhador brasileiro ser hoje a mais baixa em quase 10 anos. A Pnad Contínua mostra que o rendimento médio real habitual do trabalhador ficou em R\$ 2.449, o menor valor desde 2012, início da série histórica da pesquisa do IBGE. Esse valor é 4,6% inferior ao trimestre anterior e 11,1% mais baixo do que em igual período de 2020. Com base no câmbio a R\$ 5,64, esse valor, que corresponde a 2,2 vezes o salário mínimo, representa US\$ 434. Pela Pnad, o rendimento médio do trabalhador com carteira assinada foi de R\$ 2.345, enquanto os empregados sem carteira receberam R\$ 1.528 e os que trabalham por conta própria informalmente receberam valor médio de R\$ 1.458.

A queda das taxas de desemprego no fim do ano representam um alívio para os que conseguiram ocupação, mas está longe de ser motivo para recuperar a confiança dos brasileiros na reação da economia, essa, sim, necessária que ocorra de forma firme para que mais trabalhadores consigam se colocar no mercado e para que melhores salários sejam pagos. É preciso que o Brasil volte, mesmo considerando o impacto das tecnologias disruptivas sobre o trabalho, a gerar emprego e renda para mais brasileiros, cuidando também de qualificar a mão de obra desocupada, uma vez que nas empresas de tecnologia há déficit de trabalhadores. É preciso ter planejamento e estratégia para que milhões de cidadãos não precisem ficar desocupados nem se ocupar com atividades com baixa remuneração e sem nenhuma garantia.



SAMANTA SALLUM
samantasallum.df@cbnet.com.br

Um bolo gostoso para 2022

Descobrir em você novos talentos. Aposte nisso como ingrediente especial de um bolo que você pode se arriscar a fazer. Tente sair das receitas tradicionais e inovar na cozinha, no trabalho e na vida pessoal. A experiência de tentar já vale a pena.

Reinventar-se virou o mantra dos tempos de pandemia, de crise econômica e até existencial. Neste último ano, conheci histórias inspiradoras que contei na coluna *Capital S/A*. Gente que mudou os rumos da vida ao dar vazão a um talento ou sonho ao se tornar empreendedor. Faço aqui uma breve retrospectiva. Lembro delas porque nos mostram que é preciso enxergar a janela quando a porta se fecha.

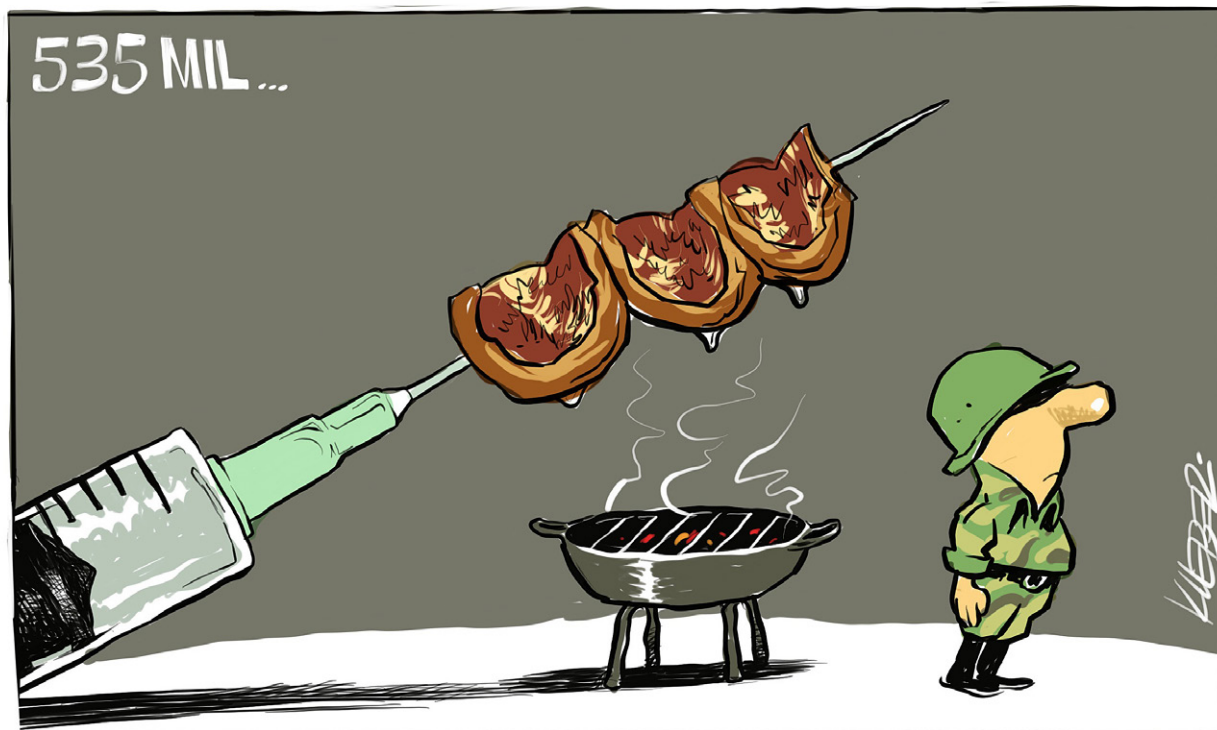
São exemplos como o de Alexandre, ex-jogador de futebol de um time de Brasília que, depois de nove meses sem salário, teve de se virar para sobreviver. E, só assim, encontrou o sucesso. Começou a fazer bombons caiseiros. O negócio cresceu, e hoje ele é estrela no campo empresarial. É dono

de uma marca de chocolates finos conhecida nacionalmente.

Temos a Milena, que viu os vestidos de sua loja ficarem encalhados por causa da pandemia. Passou a fabricar, então, pijamas e bateu recordes de vendas. A Jamile descobriu seu talento quando buscou algo para desestressar da pesada rotina de estudos para concurso. Ela começou a fazer tortas. A atividade lúdica virou empresa, e hoje ela tem o Ateliê de Bolos.

A maternidade fez a engenheira Valéria deixar o mundo corporativo para se dedicar a uma linha de alimentação para bebês e crianças. Ela criou a marca de produtos e conquistou muitas famílias como clientes. Alguns se reinventam por opção; outros, por necessidade. Mas todos tiveram coragem para fazer diferente.

Não basta ter a ideia. É preciso foco e esforço. Mas quando é aquilo que gostamos de fazer, isso pode ser mais bem traduzido em empenho e motivação. Faça do seu jeito esse "bolo" para 2022 com um toque pessoal, permitindo-se descobrir novos sabores e experiências.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

A importância das privatizações

Inexistem razões técnicas para manter empresas estatais no Brasil. O setor privado dispõe de recursos humanos, gerenciais e financeiros para substituí-las e torná-las mais eficientes, elevando o potencial de crescimento da economia, da renda e do emprego.

Companhias desse tipo são um fenômeno datado de época de grandes transformações. Apareceram de forma episódica na Europa entre a Renascença e o fim do século XVIII, particularmente durante o período mercantilista (séculos XV e XVIII).

Com a política de "manufaturas reais", Jean-Baptiste Colbert, ministro de Luís XIV, delas se valeu para obter superávits comerciais. No século XIX, inspirados pela Revolução Industrial inglesa, países como Bélgica, França, Áustria, Espanha e Japão criaram estatais. O objetivo era suprir falhas de mercado em setores como ferrovias, bancos e energia, que haviam surgido naturalmente em solo britânico.

No Brasil, o ápice ocorreu igualmente no pós-guerra, embora já existissem empresas públicas em setores como correios, bancos e mineração. Visava-se promover o desenvolvimento mediante sua atuação em áreas tidas como estratégicas: siderurgia, petróleo, crédito de longo prazo, energia e telecomunicações.

Lamentavelmente, aqui essas empresas estatais imbricaram-se com o corporativismo e a cultura hostil ao lucro privado que permeiam a sociedade brasileira. Daí a dificuldade de privatizar, mesmo que o tempo delas já tenha passado. Basta lembrar a batalha campal no caso da Vale e no da Telebras. Lula comandou comícios contra a medida. Políticos diziam uma grande bobagem: não caberia vender companhias que dessem lucro. Somente visões ultrapasadas e a força de interesses políticos e corporativistas mantêm a presença de estatais no país. É lastimável.

» Renato Mendes Prestes

Água Claras - DF

Piada de português no futebol brasileiro

A contratação do técnico português Paulo Sousa pelo Flamengo é mais um daqueles episódios que servem de piada para os portugueses gozarem os brasileiros. Depois da vitoriosa passagem de Jorge Jesus e de Abel Ferreira no Palmeiras — ambos conquistaram a Libertadores —, os times brasileiros procuram na pátria-mãe nomes para dirigi-los, depreciando os treinadores nacionais.

É uma tendência nacional que é comprovada pela presença de técnicos sul-americanos no campeonato brasileiro deste ano — pelo menos cinco dirigiram clubes no Brasileiro.

Diga-se de passagem que, no passado, treinadores brasileiros já fizeram muito sucesso na Europa, como Oto Glória no Benfica e seleção portuguesa — o time foi bicampeão europeu e a equipe nacional alcançou um histórico terceiro lugar na Copa do Mundo de 1966. Ou, ainda, Paulo Amaral, na Juventus italiana; Vanderlei Luxemburgo, no Real Madrid; e Felipão, no Chelsea, sem o mesmo sucesso de Glória.

» Marcos Pereira

Lago Norte

Brasil, tradição de acolhimento

A imprensa brasileira e mesmo a mídia mundial parecem não dar a atenção devida ao acolhimento que o país vem dando aos venezuelanos refugiados que migram para o Brasil.

Segundo dados oficiais, cerca de 300 mil irmãos do país vizinho no norte do nosso território cruzaram a fronteira para tentar ganhar o seu sustento e fazer uma nova vida por aqui.

É o equivalente a uma Samambaia inteira migrando para o solo brasileiro e seria uma das 90 cidades brasileiras que tem mais de 300 mil habitantes!

Acolher, fornecer condições básicas mínimas e gerar oportunidades e empregos é uma das tarefas do governo, que tem a "Operação Acolhida" organizada pelo Exército. A sociedade e a imprensa brasileira e mundial deviam dar mais atenção ao assunto.

» Pedro Albuquerque

Taguatinga

Desabafo

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Nem o Centrão, tão pragmático quando lhe dão a chave do cofre, aguenta mais os tiros, nos próprios pés, que o negacionista-mor dispara de chofre. Tem, também, as asneiras antivacina, que o bufão dispara sem dó e que podem até matar meninos e meninas. Que coisa tão tosca! Será que tá faltando camisa de força?

Antônio Alves — Samambaia

Enquanto o Flamengo vai apelar ao apóstolo Paulo, o Atlético Mineiro vai se agarrar com o Todo-Poderoso. Afinal, só Jesus salva!

Reinaldo de Souza — Taguatinga

Um certo sapo barbudo, bom de lábia e de abrir cofres, e um capitão aloprado e golpista dançam uma valsa macabra, cujo desfecho, estou cada vez mais seguro, será o indefectível funeral do outrora país do futuro.

José Maria da Silva — Paranoá

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vícent Nunes
Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gimenez
Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214-1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associados@uaigga.com.br. Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalf@uaigga.com.br. REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/ MG, Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabril.com.br. Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 508 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/ RS, Tel.: (51) 3231-6267; E-mail: hmr@hrmmultimedia.com.br. Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exito Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C-2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 3912-6119. Brasília: SÁ Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF: (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF, Tel: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.br.

Endereço na Internet: <http://www.correiowb.com.br>
Os serviços noticiários e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 3,00	R\$ 5,00

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

ASSINATURAS *
SEG a DOM
R\$ 755,87
360 EDIÇÕES
(promocional)

DIÁRIOS ASSOCIADOS

DA LOG

Agenciamento de Publicidade